

**A Illustração Portuguesa**  
SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. D.—*A ilha Graciosa*, por Pinheiro Chagas.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel.—*Reparação*, versos, por Eça de Almeida.—*O seminarista*, conto, por José Maria da Costa.—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (*Passatempos*).—*A rir*.—*Um conselho por semana*.—*Tracos da historia contemporanea*, (continuação), por A. C.

GRAVURAS:—*Julio Diniz*.—*A infantia D. Maria Anna*.—*Em casa do advogado*.—*Dois Papus Karons* (*Anthropophagos*).—*O convento de Solovestk*.

## CHRONICA

Pelos modos receia-se grave crise. Assim nol-o participam as gazetas.

E note-se que não é ahí qualquer crise ministerial de portas a dentro. O governo indigena está são e escorreito, graças ás mésinhas desobstruentes da dictadura; e lá pelo facto de terem dado as maleitas no sr. ministro das colonias—consequencias do muito que o illustre estadista dormia—não é que a situação havia de ir por agua abaixo, como qualquer chaveco pôdre.

Teme-se outra crise muito mais grave, em que não entram para nada como factores as justicas do sr. Beirão, as diplomacias do sr. Barros Go-



JULIO DINIZ

mes e as artimanhas do sr. Marianno de Carvalho.

Diz-se, nem mais nem menos, que está prestes a rebentar uma guerra entre a Russia e o Afghanistan.

Em as ardencias da canicula apertando, e os soberanos das potencias centraes indo dar-se dois dedos de cavaco ameno em Kissingen, a arraia meúda dos diversos estados europeus começa logo a tremelicar, e os boatos de guerra fervilham por esse mundo fóra.

Segundo rezam as folhas, a commissão ingleza de delimitação das fronteiras foi chamada a Londres, muito á pressa, como se chama um medico em conjuntura perigosa, quando o enfermo está já ás portas da morte.

Os afghães, suspeitando que os inglezes cedam á Russia, vão defender-se e contam com a garantia britannica. Eis o que corre, á data d'esta, por todos os circulos politicos, por todas as chancellarias, por todos os gabinetes. Eis o que traz a estas horas meditativo e sombrio o nosso illustre ministro dos negocios externos, que, pelo sim pelo não, foi já mandando accender mais duas velas de cera amarella, de arratel, á Senhora de Lourdes, sua padroeira.

E o caso, em verdade, não é para menos de duas velas.

Se o sinistro boato reproduzido pelas gazetas se realisa, os russos—gente teimosa como os burros cacilheiros—irão por diante, e os nossos fieis alliados, não menos teimosos do que elles, procurarão a todo o transe tolher-lhes a passagem no Afghanistan, ateando sobre o roto mappa da velha Europa uma conflagração de seis centos mil demonios.

Em tal caso, nós ver-nos-hiamos, fatalmente, envolvidos na dança, aproveitando as forças frescas dos ultimos generaes feitos em Queluz e seus suburbios.

No entanto, quer-nos parecer que os valorosos cabos de guerra lusitanos poderão, ainda d'esta vez, dormir a somno solto, deixando em paz, nas bainhas, as suas virginaes durindanas de Toledo.

Basta de receios, sr. ministro dos estrangeiros. Nada de preparativos bellicos, ó aguerridos filhos de Mavorte.

Que o illustre presidente do conselho fumigue á vontade a sua preciosa garganta nas Caldas da Rainha. Que o sr. visconde de S. Januario se distraia das agruras da pasta guerreira na contemplação pachorrenta das carancas do Bom Jesus, de Braga, e que o sr. ministro da fazenda conferenceie despreoccupadamente, na Lourinhã, com o Neves do *sovelão*, sobre o modo mais effizaz de fazer triumphar as candidaturas ministeriaes duvidosas.

Isto de conflagrações geraes é um logar commum, como qualquer outro, inventado pela diplomacia e pelos *reporters* para se rirem depois á custa da humanidade pacovia que os acredita.

Quaes conflagrações nem qual carapuça!

E' mister convencer-mos de que Bismarck, achado e velho, não pode já com uma lata por parte alguma do corpo enfermisso, e em vez de atizar guerras, toma tizanas, o pobre diabo.

Deixem lá fallar as gazetas em rompimento de equilibrio europeu e na perturbação da paz geral. Historias! Todos os annos, pelo pino do verão, se espalham os mesmos contos, mal apparecem os primeiros melões!

Convencido d'esta grande verdade, o paiz vae continuando a banhar-se tranquillamente nas aguas do fresco Atlantico, e ri-se dos que lhe acenam de longe com o annuncio de proximos horores.

Desde que falhou a pavorosa propheta do fim do mundo e que os prophetas hodiernos se evidenciaram como uns burlões de baixa estofa, estas e quejandas noticias passaram a ser cotadas no mercado pelo preço dos *titulos falsos*... salvo seja.

Entretanto, a pacifica Lisboa lava-se e toma ares, para lhe não dar o pecco. A dictadura prosegue impavida o seu caminho, sem encontrar quem lhe tolha a passagem. O ministerio das obras publicas não pode já com o pezo dos amanuenses. S. Magestade a Rainha transporta-se das Caldas a Cascaes, deixando atraz de si um *brouhaha* de aclamações calorosas, e el-rei, seu augusto esposo, jornadaeia como um *touriste*, de Hamburgo para Copenhague, de Copenhague para Stockolmo, sentindo, ao que parece, muito poucos desejos de vir affrontar o sol abrasador dos seus dominios.

De resto, nem nm caso extraordinario e imprevisto, nem uma noticia de sensação que nos arranque d'este marasmo. A mesma semsaboria, pezada e somnolenta, a arrastar-se de manhã pelas cadeiras das secretarias e á noite pelos bancos da Avenida, d'aquella Avenida sombria como um sarcophago, onde a Camara Municipal evidencia o seu horror pelas luzes, condemnando-nos a uma ausencia quasi completa de candieiros.

Quem não vae banhar-se ou tomar ares para fóra de portas, continúa a aborrecer-se aqui pyramidalmente e consegue aborrecer os companheiros, porque o tédio, como os bocejos, é communicativo.

Varios felizes—uns accommodaticios optimistas—contentam-se com o esplendido luar d'estas noites quentes como fornos, e vão saboreal-o até Algés, no americano, a tostão por cabeça, voltando depois para o remanso da sua alcova muito satisfeitos, muito divertidos, muito cheios do astro noctivago... Uma delicia.

Pois sim, meus amigos, mas isso não nos diverte a nós, nem a Chronica é coisa que se faça d'um raio de luar prateado. Fôram tempos.

O que nós precisamos é de agitação e de movimento; do bulicio que hibernou extras muros; do escandalo que anda em villegiataria pelas praias; das elegancias mundanas que trocaram a agua do pote pela agua das Caldas; dos theatros que ainda não abriram; das primeiras chuvas outonaes que ainda não chegaram... sobre tudo das primeiras chuvas, guarda avançada dos primeiros bailes, prologo d'esse romance de sensação que se chama a «vida de Lisboa» quando Lisboa tem vida, a baixa tem gente, os salões tem luz, e S. Carlos tem tenores.

Porque os tenores do Colyseu, francamente, estão a mangar com a tropa.

Eu bem sei que lá estão os olhos tentadores da sr.<sup>a</sup> Martinez, o braço roliço da sr.<sup>a</sup> De Sanctis, e a plastica picante da sr.<sup>a</sup> Boy-Gibert para neutralisar as más impressões que elles porventura nos deixem; mas todos esses encantos são vistos muito de longe, pelo *flint-glass* do nosso binoculo d'algibeira, a uma distancia respeitosa, que não permite ajuizar bem, pelo tacto, da correcção das formas e da belleza das feições.

Se a distancia, ao menos, se encurtasse, então—apostamol-o—é que Joaquim Lima iria pedir á sua doce amante a suprema graça de lhe fazer a Chronica, só para estudar, debruçado sobre os labios da sr.<sup>a</sup> Martinez, como um botanico amator se debruça sobre a corolla d'uma rosa, a influencia que as bonitas boccas podem exercer nas bonitas vozes.

Vimos, de receber, precisamente n'este momento, um convite d'aquella formosa cantora, para que assistamos á sua festa artistica.

Natividade Martinez promette-nos a *Africana*, o que equivale a dizer:—promette-nos um cumulo.

Vem d'ahi commigo, leitora; venha você tambem, Joaquim Lima. Deixe lá o nectar voluptuoso que o aparta brandamente das amarguras da vida, e applauda-me com calor a *prima-donna*!

## A ILHA GRACIOSA

Temos ha muito em nosso poder uma interessante monographia que ácerca da ilha Graciosa escreveu o sr. Antonio Borges do Canto Moniz, chefe de secção no 4.º corpo da fiscalisação externa das alfandegas.

Sejam quaes fôrem os defeitos d'este livro, a incorrecção do seu estylo, as preoccupações do seu author, que se empenha muito em demonstrar que nunca foram degredados para a ilha Graciosa, sem ter para tal affirmação outro motivo que não seja o de que, tendo sido doada a ilha a homens benemeritos, estes de certo não se quereriam contaminar com a companhia e collaboração dos criminosos, sejam quaes fôrem os defeitos do livro, não podemos deixar de applaudir e publicação d'esta monographia, e prouvera a Deus que muitos outros curiosos imitassem este diligente e intelligente investigador, de forma que tivéssemos a respeito de muitas terras do reino estudos d'essa ordem, que são sempre elementos preciosos e documentos valiosissimos para a historia geral do paiz.

Pomos de parte completamente a historia do descobrimento e dos primeiros donatarios da ilha, feita pelo sr. Canto Moniz com falta sensivel de clareza, com algumas contradicções e bastantes repetições, e citemos alguns factos interessantes da historia da ilha da Graciosa, que possam esclarecer o estudo da vida portugueza dos seculos transactos, que é o que sobretudo nos interessa.

As ilhas dos Açores como o archipelago da Madeira foram victimas, nos seculos XVI e XVII das continuadas invasões dos piratas. E' essa uma feição característica da existencia portugueza nos mencionados seculos. As povoações da costa e ainda mais do que ellas as povoações das ilhas viviam em continuo sobresalto por causa dos assaltos dos piratas, e dos corsarios. O direito publico e o direito maritimo d'esses tempos eram bem diversos do que são hoje, e nem se estranhava muito a pirataria, nem se achava extraordinario que os corsarios de uma nação, com a qual estavamos em plena paz, viessem salteiar os nossos navios e as nossas povoações.

Assim o corsario francez Mondragon assaltava as nossas naus da India, e levava respeitaveis esfregas como a que lhe pespegou Duarte Pecheco, sem que o rei da França tratasse de reprimir Mondragon ou se incommodasse com o procedimento dos nossos, quando mettiam a pique navios francezes, ou enforcavam marinheiros d'essa nação.

O famoso armador João Ango esteve em guerra comnosco como tantos outros, mas o que inquietou o nosso governo não foi o poder do armador, que levou, tanto em Lisboa como nos Açores, rudes lições dos nossos marinheiros, o que o inquietou foi a intervenção do governo francez, Ango era riquissimo e influente, Francisco I dera-lhe cartas de nobreza e o titulo de visconde de Varangeville, as suas reclamações encontraram echo em Fontainebleau, e Francisco I tomou a sua defeza com bastante calor. Todos os esforços da nossa diplomacia tenderam para este unico fim — impedir o governo francez de nos hostilizar.

E não era porque por esse tempo a França fosse uma potencia maritima de que nos arreceiassemos, e que houvesse motivo para a receiar por terra, quando tinhamos entre nós o macisso baluarte da Hespanha; mas porque a França podia em grande parte arruinar o nosso commercio com asnações do Norte.

E assim effectivamente succedeu emquanto as negociações não chegaram ao seu termo. Muitos navios portuguezes foram embargados nos portos da França com grave transtorno dos seus donos.

O caso de João Ango foi comtudo excepcional; habitualmente os corsarios francezes atacavam os navios portuguezes, e eram pelos nossos castigados, sem que a França se responsabilisasse pelas suas correrias e se irritasse pelo seu castigo. Demais a mais, quando as guerras religiosas dividiram a França, os protestantes armaram navios em corso; e pelas acções que estes praticavam é que de modo nenhum podia ser responsavel o governo catholico que os combatia.

Demais percebe-se facilmente que o commercio maritimo d'esses tempos em nada se assemelhava ao de agora. A existencia, absurdamente tolerada pela Europa christã, das nações piratas da Africa Barbaresca, fazia com que todos os navios de commercio precisassem de sair ao mar, armados em guerra para se defender contra esses milhafres dos mares que andavam expiando, como essas aves as pombas, as velas brancas dos galeões e das caravellas. N'estas condições o commercio tomava um caracter differentissimo do que elle tem na actualidade, e nenhum governo podia realmente ser responsavel pelos actos que praticavam esses commerciantes armados, logo que saiam dos portos da sua nação.

Assim corsarios francezes e inglezes, e hespanhoes tambem ás vezes, infestavam os mares e principalmente os mares dos Açores, porque n'essas paragens encontravam-se frequentemente os galeões da prata que vinham da America Hespanhola, e as

naus das especiarias que vinham da India Portugueza. Não trataremos agora de estudar os motivos nauticos que levavam as naus portuguezas a irem demandar os Açores para d'ahi se dirigirem para Portugal. E' certo que era esse a maior parte das vezes o seu itinerario desde o tempo de Vasco da Gama.

Por isso os corsarios corriam aquelles mares na esperança de as encontrar e tambem para alli mandava o governo portuguez alguns cruzadores afim de as proteger. Os navios barbarescos, menos audaciosos do que os Europeus, ou satisfeitos com a preza que encontravam no Mediterraneo, raras vezes alli appareciam, mas davam tambem de quando em quando a sua saltada aos Açores.

Conta-nos o sr. Canto Moniz alguns casos curiosos, que nos dão excellente idéa do que era n'esse tempo a vida maritima. Todos os mil cuidados de hospitalidade, de protecção que hoje se tomam, eram então completamente desconhecidos. Algumas vezes a caridade christã substituia este sentimento de solidariedade que hoje sobretudo nos anima; quando porém se tratava de herejes eu de mouros, difficilmente esses sentimentos se manifestavam.

Um dos casos mais caracteristicos narrados pelo sr. Canto Moniz no seu livro *Ilha Graciosa—Descripção historica e topographica* é o seguinte:

No dia 12 de novembro de 1689 deu á costa na ilha uma embarcação ingleza, tripulada por 14 homens, e carregada de bacalhau.

A tripulação salvou-se e a carga tambem, assim como o casco do navio, que os tripuiantes trataram de vender. Foi tudo arrematado por quatrocentos mil réis por tres irmãos moradores na villa da Praia, que eram o capitão Aleixo Correia, Sebastião Correia e o padre Antonio Fogaça. Quando se tratou, porém, do pagamento, este servo de Deus e os seus dignos irmãos combinaram-se com o escrivão da arrematação, e pagando tudo em patacas, facilmente embaçaram os desgraçados, completamente ignorantes do valor do dinheiro corrente. Mas não se limitaram a isso. N'essa terra, que ainda hoje é baratissima, por tal preço venderam os generos de primeira necessidade aos pobres naufragos, que em menos de tres mezes gastaram quanto dinheiro o padre e os irmãos tinham tido a bondade de lhes entregar. Como se vê, comprehendiam-se de um modo estranho na ilha Graciosa os deveres da hospitalidade.

Pouco depois appareceu nas aguas da Graciosa outra embarcação ingleza, que se dizia que vinha carregada de bacalhau e de azeite, e parece que o venerando Fogaça e a sua quadrilha já lambiam os beiços, esperando nova pechincha. Era isto no dia 16 de fevereiro de 1691. Foram a bordo alguns dos habitantes, e em vez de pacificos mercadores, promptos a deixarem-se lograr encontraram gente armada que deitou a mão aos primeiros que ali appareceram, e logo tratou de operar um desembarque. A gente da Graciosa n'essa occasião portou-se covardemente, havendo ella dado provas em muitas outras occasiões de singular bravura; mas parece que era a consciencia do que tinham praticado que os entorpecia e lhes quebrava os brios. O que é certo é que trinta e cinco inglezes dominaram completamente não só a villa da Praia, mas tambem a villa de Santa Cruz, cujos habitantes marcharam em soccorro dos seus conterraneos quando souberam do que se passava.

Mas de todos elles se assenhoreara um verdadeiro terror panico, porque os que vinham de Santa-Cruz, á primeira salva de mosquetaria com que os trinta e cinco Inglezes desembarcados os receberam, deitaram a fugir, e os da villa da Praia esses quasi que nem tentaram sequer um simulacro de resistencia.

Os Inglezes, que já tinham arrebanhado toda a gente da Praia e a tinham prendido na igreja, depois de pôrem em fuga a de Santa-Cruz, ficaram então completamente á vontade. Levaram para bordo a prata da igreja, abundantes provisões, e transformaram em seus carregadores os principaes habitantes da villa. Depois de embarcarem muito a seu salvo, ainda levaram para bordo dos seus navios prisioneiros como o padre Antonio Fogaça e os seus dois irmãos, e esta escolha parece indicar que não era estranha a esta saltada a vinganca que os do navio roubado quizeram tomar dos que tinham abusado da sua boa fé, e que algum d'elles viria de certo a bordo.

Quando se affastaram da ilha e do alcance do tiro de suas peças que os habitantes tinham em bateria e com que lhes faziam alguns tiros, seguindo á letra o conhecido proverbio *Casa roubada tranca á porta*, os Inglezes mandaram para terra o padre Antonio Fogaça, cujo character sagrado lhes inspirava, ao que parece, mais confiança, com a condição de lhes mandar para resgate dos dois irmãos que ficaram presos duzentas patacas e quatro pipas de vinho. Assim que o padre Antonio Fogaça se vio em terra, da mesma forma que Barba Azul mandara á fava os seus avós, mandou elle á fava os seus irmãos, e o mais que pareceu disposto a dar aos homens foram umas pipas vasias com que pretendeu enganar-os. Elles porem não cairam, e fizeram-se de vela levando os seus dois captivos, que de desespero se lançaram ao mar, contando talvez que poderiam transpôr a nado o espaço que os separava da terra. Os seus cadaveres, que foram ter ao Fayal, mostraram bem quanto fôra vã essa esperança.

Não é esta uma pagina gloriosa dos annaes da formosissima

ilha. Tem outras, porém, que largamente compensam a vergonha que d'este caso possa resultar. Se o contámos foi porque dá uma clara idéa dos costumes marítimos do século XVII. Estavamos em plena paz com a Inglaterra, e comtudo os seus navios saltejavam as nossas ilhas, sem que isso dêsse assumpto sequer a uma reclamação diplomatica. E' verdade que, segundo conta o piedoso auctor da narração, que o sr. Canto Moniz transcreve, os homens fôram enforcados pelo commandante de uma fragata ingleza, mas não foi pelo que tinham feito nos Açores.

Por outro lado vê-se como se encontravam desprotegidos em terra estranha uns miserandos naufragos. Estes pequenos factos é que são elementos importantes para a historia do progresso.

PINHEIRO CHAGAS.

## DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

### III

#### Republica de S. Marino

Prosigamos na rapida enumeração das frequentes tentativas realisadas contra a independencia da republica de S. Marino.

Os Malatesta foram, como já tivemos occasião de indicar, dos mais encarniçados inimigos da republica. Sigismundo Malatesta por duas vezes tentou senhoreal-a, mas com tanta infelicidade que de ambas as vezes foi vencido, sendo a resistencia da republica premiada, na partilha dos despojos opimos, com os castellos de Fiorentino, Mongiardino e Serravalla, cuja posse a santa sé mais tarde confirmou.

Cesar Borgia, filho do celebre papa Alexandre VI, foi outro dos perigosos adversarios da independencia marinense. Abutre insaciavel, empolgára na garra cupida os estados dos Malatesta de Rimini, dos Sforza de Pesaro e de muitas outros senhores da Romana. O duque de Urbino, Guidobaldo, alliado da republica, fiava a sua tranquillidade das boas relações que mantinha com a côrte de Roma. Mas enganou-se, porque a sua propria vida teria corrido eminente risco, se os marinenses o não tivessem mandado avisar. O duque refugiou-se em Veneza, e Cesar Borgia empolgou-lhe os estados.

Em vista, porem, da energica resistencia do povo de Urbino, o filho de Alexandre VI viu-se obrigado a reconduzir o duque e a assignar uma convenção pela qual lhe foi reconhecido o direito de protecção sobre o Titan.

Uma convenção assignada pelos Borgias não inspirava confiança. Cesar Borgia faltou á fé do contracto, e mais feliz d'esta vez, ponde senhorear S. Marino, se bem que o seu dominio fosse ephemero, porque os marinenses, dentro do mesmo anno (1563), sacudiram o jugo oppressor.

Os Borgias cahiram. O papa Julio II prendeu Cesar Borgia, e só lhe concedeu a liberdade quando á santa sé foram restituídas todas as fortalezas.

Grato á hospitalidade que tinha recebido em S. Marino, Julio II assegurou por um breve a independencia da republica.

Como durante o pontificado de Paulo III a guerra continuasse a devastar a Italia, os marinenses, fleis á santa sé e á casa de Urbino, tiveram de fornecer subsidios para a lucta e de vér o seu territorio atravessado pelos exercitos em marcha.

Mas se esta contrariedade molestava uma republica pacifica, como S. Marino, maior provação lhe estava ainda reservada. Em 1543, Fabiano da Monte, sobrinho do cardeal d'este nome, tentou, durante a noite, tomar por assalto S. Marino. Por felicidade os marinenses descobriram a traição, correram ás muralhas, guardaram a cidadella, e poderam repellir o ataque.

O facto era porém muito grave para que os marinenses deixassem de protestar contra elle junto dos seus alliados, que prestaram ao protesto uma cordeal adhesão.

Quantas vezes não tinha sido já ameaçada a existencia da pequena republica! Todos os meios violentos ou arditos haviam sido empregados, e todavia sempre a republica havia resistido aos ataques dos seus adversarios, logrando salvar a sua independencia sobre as vagas revoltas da ambição extranha, como uma pequena folha solta que fluctua, sem immergir, na espuma da corrente

Não obstante a resistencia inquebrantavel dos marinenses, novas tentativas de extorsão tributaria surgiram por parte do clero. Os marinenses recorreram para o papa, que era Paulo III, e que os attendeu. A fim de evitar que semelhantes tentativas se renovassem, Paulo III ameaçou de excommunhão todos aquelles que transgredissem as suas ordens.

Até aqui a republica havia luctado com inimigos de fora, mas agora ia inaugurar-se um periodo de discordia domestica. Irregularidades na administração interna, deficiencias da legisla-

ção vigente n'um incipiente estado que não tivera ainda tempo de consolidar-se pela paz, provocaram luctas civis, que a terrivel fome de 1591 aggravára pelas naturaes consequencias de uma crise economica. Mas o bom juizo dos marinenses supplantou a agitação intestina pela elaboração do novo estatuto de 1602, que fora integralmente revisto de nove annos depois, em 1621,

Na côrte de Roma encontrou salutar apoio a causa sympathica da republica, pois que o papa Urbano VIII, comquanto o ducado de Urbino houvesse sido encorporado aos dominios da igreja, respeitou a independencia da republica de S. Marino.

Todavia estava escripto no livro dos destinos que o povo do Titan não podesse ainda gosar de uma tranquillidade definitiva, a despeito de ser principio assente da sua politica a manutenção de cordeas relações com os estados visinhos.

Em 1738, Alberoni foi enviado á Romana como legado do papa. S. Marino recebeu o respeitoso, e parecia haver merecido a benevolencia do cardeal, quando um incidente imprevisto veio irritar o animo de Alberoni.

A republica havia promulgado uma lei especial punindo severamente os cidadãos que obtemporassem ás *cartas de recommendação, commendatizie*, especie de salvo-conductos que tinham por fim, zombando da acção da justiça, subtrahir á jurisdicção das auctoridades legaes os criminosos em favor dos quaes eram concedidos.

Aconteceu que alguns dos reos condemnados a prisão esperavam livrar-se por favor do cardeal Alberoni, mediante cartas de recommendação d'elle obtidas.

O cardeal solicitou que fossem postos em liberdade sob pretexto de serem *patentati* da côrte pontificia, isto é, de haverem exercido um officio ou uma industria com privilegio especial da santa sé. A republica oppôz-se, respondendo ao cardeal que a sua requisição era contraria ás regras fundamentaes do direito, aos costumes particulares do paiz, e ao livre exercicio das suas liberdades.

Alberoni irritou-se, e expoz o negocio, afeiando-o com negras côres, ao pontifice. Mas não teve paciencia para esperar a resposta de Roma, e aprisionou varias pessoas notaveis de S. Marino, que casualmente se encontravam em Romana. Não contente com isto, procurou render a republica pela fome, impedindo a entrada de generos de consummo. Manteve-se serena, imperturbavel, a republica. Alberoni, cada vez mais exasperado, instou para Roma, pediu a encorporação da republica aos estados pontificios. Clemente XII attendeu a requisição de seu legado, mas recomendou-lhe moderação. Alberoni não acatou essa ordem, invadiu em som de guerra o territorio de S. Marino a 24 de outubro de 1739, e no dia seguinte dirigiu-se á cathedral onde pretendeu exigir dos marinenses que renunciassem ao sentimento da independencia da patria.

Alberoni pedia o impossivel. A's suas palavras responderam, resoando pelas abobadas do templo, gritos entusiasticos de *Evviva San-Marino! Evviva la liberta!*

Enfurecido, o cardeal retirara-se, mas ordenou que fossem presos e saqueados os marinenses. A resistencia seria inefficaz perante a força, mas os habitantes de S. Marino, caminhando sempre por estrada direita, fizeram ouvir as suas queixas ao pontifice, que ordenou que o cardeal Napoletano procedesse a um inquerito.

Averiguado que Alberoni exorbitára, a republica foi solemneamente reintegrada em todos os seus direitos a 5 de fevereiro de 1740.

Na effusão do seu reconhecimento para com o papa Clemente XII, os marinenses resolveram erigir-lhe uma estatua de marmore.

Sucedeu a Clemente XII, Benedicto XIV que, amigo da paz, transferira Alberoni para a legação de Bolonha. Este papa, por tantos titulos notavel, comparava espirituosamente o procedimento de Alberoni para com a republica de S. Marino ao de um glotão que, tendo-se banqueteadado lautamente, comesse depois um bocado de pão de rala.

Raymond de Boyer, cuja narrativa vamos segnindo, observa judiciosamente:

«Felizmente para S. Marino, o pão de rala estava muito duro, e o cardeal quebrou os dentes.»

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

## REPARAÇÃO

*Heureux qui, près de toi, pour toi seule soupire!*

(SAPHO.)

Naturalmente, tu não me acreditas, não,  
E, todavia, eu sinto aqui, no coração,  
Uma cousa qualquer que me atormenta e rala,



A INFANTA D. MARIA ANNA

E que faz com que eu perca a vista, a còr, a falla,  
 Quando passas e eu te veja de relance!  
 Não me acreditas, não... muito embora eu me cance  
 Em te provar como é que o meu amor nasceu,  
 Tu não podes, de certo, acreditar como eu,  
 Ao sentir a tua alma esplendida e louçã.  
 Deixei de q'rer, emfim, o amor de tua irmã,  
 Para querer o teu, meu lirio entreaberto.  
 Se eu estivesse um dia ao pé de ti, mui perto  
 Do teu busto gentil que o meu amor circumda,  
 Dir-te-hia as razões em que a minh'alma abunda  
 Para te amar a ti, e não a amar a ella.  
 Em todo o caso, escuta, ó luminosa estrella:  
 Quando nós, de manhã, entrámos n'um jardim,  
 Onde se mostra a rosa, a tulipa, o jasmim,  
 E o alegre matiz das pequeninas flores,  
 Deslumbrados ao ver a profusão das côres  
 E as corollas aonde o orvalho então scintilla,  
 A nossa alma, indecisa em resolver, oscilla  
 Sem poder distinguir e sem poder dizer  
 Qual seja a mais gentil; mas se fôr escolher,  
 Aspirando o perfume a cada uma d'ellas,  
 Bem depressa achará, talvez nas mais singelas,

A mais ormosa e pura:

Assim, anjo adorado,  
 Ao ver-vos todas tres, fiquei extasiado  
 Sem saber qual das tres seria o meu ideal:  
 Enganei-me a escolher; depois, quando, a final,  
 Aspirei, minha flôr, o teu perfume,—a alma,  
 Resolvi que eras tu quem possuia a palma  
 Da belleza, do amor, da intelligencia,—tudo  
 Que eu leio n'esse olhar sereno, de velludo!...  
 Vi-te um instante,—um dia!—e, desde esse momento,  
 Eu senti-me abraçar na luz do teu talento,  
 E na tua belleza angelical e santa...  
 E esta paixão que eu sinto hoje por ti é tanta,  
 E' tão grande, e já tem uma tal força, q'rida,  
 Que eu daria o meu sangue e toda a minha vida  
 Por um sorriso teu! Quando te ouvi fallar,  
 Senti logo um desejo immenso de ajoelhar,  
 De cahir aos teus pés!...

Mas, hoje, como então,  
 Com certeza que tu não me acreditas, não!...

## O SEMINARISTA

Desde pequeno destinaram-no á vida ecclesiastica e toda a sua educação foi dirigida n'esse sentido. Parecia que a familia havia lido o grande philosopho Balmés, tal era a persistencia com que o rodeava de uma atmospherá mystica.

Em pequeno, fôra-lhe dada por madrinha, Nossa Senhora do Rosario, e por padrinho, um beneficiado calvo com oculos azues, o reverendo Manuel Cesar. O baptisado dera que fallar na visinhança. Dez carruagens com os convidados e parentes e um janitor de se lhe tirar o chapéo. Saudes á sobremesa, poesias *ad hoc* pelo professor regio de primeiras letras.

Crescera o José de Oliveira—o nosso heroe—em annos e em disposições para padre. Como todas as pessoas jovens, impressionava-se com a pompa theatral do culto externo e o seu maior prazer era assistir a todos os actos religiosos. Parecia-lhe que a casa de Deus era a sua, tal a familiaridade com que entrava pela sacristia, com que subia á torre e ao archivo ou revolvia as gavetas empilhadas d'opas vermelhas e brancas com cabeção e sem elle.

A larga sacristia, fresca e saudavel, com archanjos do tamanho de um homem, aos cantos, vermelhos como tomates, de grossas pernas roliças, calçados de cothurno grego, não lhe mettia medo, e seria capaz de dormir como um bemaventurado em cima de uma poltrona franciscana, se por acaso o esquecessem ao fechar as portas.

As altas naves da igreja matriz, desafogadas e imponentes, pareciam-lhe bem mais aitosas e aristocraticas do que os tectos baixos de alvaiade da casa paterna. Os paineis e azulejos incrustados nas paredes, tinham mais grandeza, apesar de deteriorados, do que as chromo-lithographias de santos que vestiam todos os quartos da sua casa.

Assistia a todos os mysterios de *toilette* dos santos, ajudava a enfeitar os altares e os andores. Não havia segredos que elle não penetrasse com uma maravilhosa intuição, desde o ossario até ao poço onde eram lançadas as imagens quebradas. Poço sinistro, que lhe dava muito que pensar.

Sabia ajudar divinamente á missa, e não é para pennas humanas descrever o entusiasmo, o aprumo com que o fazia, a sua comica figura ao por-se em bicos dos pés para mudar o missal do lado da epistola para o do evangelho. A importancia com que pronunciava o latuorio do estylo, fazia sorrir os padres e arregalar o olho, d'espanto, ás velhas tabaqueiras, ajoelhadas proximo.

—Aquelle anjinho está-se ali a fazer um homem! murmuravam ellas.

-- Puderá! Havia estar a fazer-se mulher! respondia ás vezes, zombeteando, algum cabo de veteranos do Mindelo, que frequentava a igreja mais para caçar esmolas do que por devoção.

Era certo circularem olhares fulminantes e indignados do mulhierio colerico. E depois de se benzerem previamente, rosnavam:

—Arredal que é pedreiro-livre!

\*  
\* \*

O Joséinho ia porém de vento em popa no mar das santas aspirações da familia. Volvidos poucos annos e tendo feito exame d'admissão, a familia embarcou-o para a ilha Terceira, a cursar o seminario d'Angra. Foi um jubilo quando se recebeu na villa da Ribeira Grande (ilha de S. Miguel) em casa da familia Oliveira, uma photographia do menino, representando-o de habito talar. Em carta, annunciava o rapaz, que já tinha ccrôa aberta, da circumferencia de dez réis.

Parecia um abbadinho italiano, d'aquelles que enxameiam nos salões de Roma, adorados pela aristocracia papista. Nos seus olhos cheios de luz, via-se a alegria triumphante e ingenua de uma vida isenta de cuidados, como as paginas do livro em branco da sua vida estavam limpas de um só queixume. Emmolduravam-lhe a frente os caracos doirados do seu cabello setineo, e as faces, de um rosado puro, pareciam sair, afogueadas, da prisão negra da samarra que o envolvia severamente até ao pescoço.

O homem põe e Deus dispõe. Não quiz o Omnipotente que o gracioso seminarista fizesse aos pés do bispo aquella tremenda renuncia ao mundo, ao diabo e á carne, que faz empallidecer pela enormidade do que se promete. Fechar com uma porta de ferro, ao alvorecer da vida, os prazeres mais doces e mais castos do matrimonio, é o mesmo que arrancar com as proprias mãos o coração. Pois isto faz-se em nome da disciplina da igreja e para que os padres possam entregar-se exclusivamente ao culto de Deus e ao santo amor do proximo. Somente este amor do proximo, elles o interpretam sabiamente, dedicando-se de preferencia á parte feminina, fundando-se para isso na caridade christã que manda proteger os fracos...

O juvenil seminarista tinha sentido até ali, pela mulher considerada physiologicamente, o desdem supremo das almas infan-

tis. A sua imaginação ia até á satisfação placida dos pequenos desejos psychicos, cheios de toda a illusão doirada dos paraizos celestes, dos contos maravilhosos e d'essa poesia rudimentar que faz o pequenino devoto por imitação.

E' claro que nunca pensara na mulher senão sob o aspecto da virgem Santissima e das outras santas immoveis sobre os altares. A mãe e as outras mulheres não surprehendiam o seu espirito, porque as encontrava junto a si desde que nascera. Nada havia n'ellas de extraordinario, como n'essas densas populações de nuvens acima, que tinham a sua historia, a sua lenda, os seus representantes na terra, tão mysteriosamente silenciosos e tão fortes, que tinham em sua mão a saude, a vida e a riqueza de todos os fieis.

Qual era a mulher de saias e de touca, que poderia fazer outro tanto?

Mas todos estes bonitos pensamentos desapareceram um dia, quando o olhar de uma soberba rapariga de 18 annos, procurou, pedindo beijos, o olhar abstracto do joven seminarista.

O olhar d'aquella mulher, *que sabia olhar*, foi como um ferro em brasa rechinando as carnas indolentes do aprendiz de clérigo. Fez-se um clarão no seu espirito, d'antes agitado por mil devaneios de uma ideologia pacata que lhe fazia no sangue o effeito de um banho tepido.

Assim como a borboleta procura a chamma de uma vela, queimando-se, fascinada pela luz, o seminarista, diante do olhar infernal d'aquella mulher, não soube resistir. Pela primeira vez na sua vida achou pallida de mais a mãe do Nazareno e pouco expressiva a sua dôr, traduzida em delicadas lagrimas de gomma arabica, que o esculptor lhe semeara pelas faces.

\*  
\* \*

A Maricas, filha de um empregado do seminario, morava n'um predio fronteiro ao edificio, e dando a volta á cerca, trepado a um muro, o seminarista podia a seu salvo garrular madrigaes nas quentes noites de verão. Aprecebeu-se em breve a moça da infantil candura do rapaz, e comprehendeu, com essa fina intuição da mulher enamorada que deseja collocar-se seriamente, que não havia remedio senão sacudir o turpor beatifico que hibernara aquella alma nos gelos mysticos.

Era necessario dar um solemne piparote nas crenças e preconceitos d'aquelle timido Romeu. Convidou-o a transpor o muro, atirando com a castidade da sua batina por cima dos moinhos. Espantou-se muito o candido José, digno homonymo do Egypto; mas como o seu character passivo não sabia senão obedecer, foi a casa da Maricas, á primeira entrevista por ella marcada, e desde este momento ficou-lhe pertencendo.

Corriam os ventos propicios aos jovens namorados, quando o acaso quiz que o pae da Maricas descobrisse toda a trama d'estes amores quasi sacrilegos. O pobre homem, como empregado do seminario, sabia duas coisas muito graves: o rapaz era rico e menor. Como menor, não tinha vontade propria, a familia preferiria pagar o dote á rapariga, a consentir no casamento, e o seminarista tomaria ordens sacras. Estava tudo perdido para a Maricas.

Mas nas ilhas ha recursos para tudo, louvado Deus. O velho empregado do seminario ruminou um plano soberbo, de concerto com a filha, e n'uma bella noite em que o seminarista, ajoelhado aos pés da pequena, jurava um amor eterno, abriu-se estrondosamente a porta do quarto e elle entrou, fero e altivo, apontando duas velhas e enormes pistolas de cavallaria ao peito do pobre rapaz, varado de terror.

Então o pae tyranno, depondo ruidosamente uma pistola sobre a meza da cabeceira do leito, sacou um embrulho e arremessando-o aos pés do seminarista, bradou com voz de stentor.

—Vamos. Já que fez o mal, repare-o. Vista isso e siga-nos.

O Joséinho não fez um unico movimento. Tal era o seu pasmuso.

A Maricas, suffocando uma gargalhada, lançou mão da trouxa e desatou-a, despejando no sobrado um fato completo de marujo.

Boquiaberto, o pobre seminarista contemplava, com olhos de vitello mamado, tudo aquillo.

E como a pequena estendesse para elle a fatiota, perguntou com a lingua entaramelada:

—Para que serve isto?

—Para tu vestires, grande bruto!

—Para eu vestir? não comprehendo.

A Maricas, batendo o pé com força e arfando as narinas com impaciencia, berrou:

—Nem é preciso. Veste. Anda. Vê se te mexes!

E como o desgraçado hesitasse, o pae da Maricas, que tinha passado discretamente para o quarto immediato, soltou uma praga medonha.

—Com mil raios! Eu vou lá acabar com isso.

E flogiu encaminhar-se para a entrada do quarto.

Então o José, com uma cara de desesperado e esses gestos acanhados e femininos tão peculiares aos seminaristas, envervou o novo fato, auxiliado pela Maricas; e quando enfiou o sueste



X.A. R. BRUNNEN

EM CASA DO ADVOGADO.

amarello na cabeça, fel-o tão desastadamente que a aba maior ficou para a frente, dando-lhe o ar de quem tinha um capacete antigo, o que fez rir muito a rapariga. Foi preciso que ella lhe collocasse o chapeo. Feita esta operação, o seminarista mirou-se ao espelho e não se conheceu. Era tal a transformação que chegou a olhar para traz de si, julgando ver a imagem d'outra pessoa. Quem elle viu foi o velhote, que o olhava zombeteiramente.

—Agora, partamos! bradou o velho com voz breve e imperiosa.

A Maricas, sem dar tempo ao seminarista de reflectir, enfiou-lhe o braço e encaminhou-se para a escada. Ia envolta n'um chã-le, que a cobria da cabeça aos pés. Na rua, todos tres caminharam rapidamente no maior silencio, até um sitio isolado na praia, fóra da pequena cidade d'Angra, onde os aguardavam um barco tripulado por 4 remadores. Então o pae da pequena, inclinando-se ao ouvido do rapaz, murmurou com um laconismo feroz estas palavras:

—Embarque e nem uma palavra! Quando não, é homem morto!

Não era preciso tanto para o seminarista saltar, mais morto do que vivo, para o barco. Os marinheiros, apenas viram os tres dentro do bote, descaíram os remos, impellindo o barco vigorosamente.

Vinte minutos depois, a massa negra e gigantesca de um lugre, desenhava-se pesadamente sobre as aguas silenciosas. Nem um pharol, nem um rumcr; parecia o celebre navio phantasma de A. Dumas.

O seminarista, ao avistar o lugre, não se conteve; os olhos arrasaram-se-lhe de lagrimas, porque adivinhara toda a hedionda aventura, e quebrando a timidez por um d'esses rasgos d'energia proprios dos caracteres timidos, ergueu-se no banco de ré, e agarrando de surpresa, pelo pescoço, o pae da namorada, gritou-lhe com uma expressão terrivel:

—Acabemos com esta infame comedia! Quem o auctorisou a dispor de mim, como se fóra meu pae? Mande voltar já o barco para terra ou atiro-o ao mar.

A indignação longo tempo comprimida, fizera explosão, e n'um segundo, o adolescente fizera-se homem. Ia travar-se certamente uma lucta de morte entre os dois, mas a Maricas abraçando-se ao seminarista, disse-lhe com a voz de sereia onde cantavam todas as modulações musicas:

—Sou eu a culpada de tudo!

—Tu!...

—Fui eu que dei o plano. Estava deshonrada e não podia occultar o mais tempo. Percebes?... Era impossivel viver aqui. Vamos para o Brazil até á tua maioridade, depois, casamos e vimos de novo para esta ilha ou para a tua terra. Isso é para mim indifferente, estando a teu lado.

E cingia-o com os braços nervosos e quentes, e beijava-o nas faces, na bocca, nos olhos, nas fontes, soffregamente, com delirio.

O seminarista estava vencido. Os braços caíram-lhe inertes ao longo do corpo, com grande alegria do seu futuro sogro, que soltou um suspiro d'allivio, vendo as suas guelas a salvo.

Estavam já ao pé do navio. Subiram todos para bordo, e os dois amantes, conservando-se juntos na tolda, enviaram no duro silencio da noite um longo adeus de despedida para terra.

Ao raiar da aurora, estavam em pleno mar alto, no meio de 600 emigrantes, que abandonavam a patria, quasi todos, clandestinamente.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 3 DO 3.º ANNO)

VI

### Era uma vez um Fonseca!

Um bello dia o bairro da Lapa accordou, tendo uns novos habitantes—um rico negociante lá do norte, e a sua governante, uma formosa mulher loura, alta, elegantissima, que vestia com um grande luxo, mas sempre com uma seriedade correctissima de senhora respeitavel.

Como já sabem, o rico negociante era o nosso conhecido Fonseca, e a governante loura, a sua amante, a mulher do seu intimo amigo Luiz.

A casa estava montada com um luxo principesco: um pessoal numeroso de criados e criadas, com quem a governante não tratava directamente, tendo o Fonseca promovido a sub-directora da sua casa a velha criada da rua das Damas, que passou a não fazer nada e a só dar ordens, o que não a impedia de muitas ve-

zes ter saudades sinceras dos seus pacatos e tranquilos tempos da casa d'homem só da rua das Dainas.

A vida do Fonseca deu uma completa reviravolta.

O dinheiro que elle d'antes amontoava sordidamente ao canto da gaveta, enchendo-se de inscripções, d'accções e de papeis seguros, foi tudo posto ao sol, lançado em giro com uma velocidade de turbilhão.

As cocheiras do palacio fóram d'entro em breve habitadas por elegantes carruagens; e todas as manhãs um *coupé* vinha trazer o Fonseca ao seu escriptorio, todas as tardes um elegante *landau* levava a passear a governante aos sitios mais frequentados e elegantes de Lisboa.

Como era de prever, esta vida nova fez logo sensação em Lisboa.

A riqueza de um dia para o outro ostentada pelo modesto Fonseca, que até então ninguem conhecia, cujo nome nunca figurara no *high-life* dos jornaes, dava nas vistas de toda a gente; a belleza deliciosa de Antonia, a sua elegancia provocadora, o seu bello ar de *grande dame* enchia toda a sociedade elegante de admiracão e de invejas, fazia desabrochar curiosidades nas mulheres e paixões nos homens.

Mas tanto umas como outras perdiam inteiramente o seu tempo! Nunca ninguem conseguiu saber uma palavra do passado d'essa formosa mulher loura, nunca o mais elegante e invencivel conquistador de Lisboa conseguiu merecer um olhar promettedor dos bellos olhos negros da governante do Fonseca.

Houve logo muito quem começasse a metter agulhas por alfinetes para travar relações com o Fonseca, para ser admittido na sua intimidade, ter entrada nas suas salas, que diziam esplendidas, logar nas suas carruagens.

O Fonseca, porém, era inconquistavel como a muralha da China.

Recebia friamente todas as amabilidades que lhe dirigiam, e não correspondia a ellas.

Todó elle estava completamente dominado pela Antonia, pela sua adorada amante. Entregou-se-lhe de corpo e alma, não dava um passo sem a consultar, uão fazia uma cousa sem a ouvir.

E não era só o grande amor que lhe tinha, a fascinação enorme que sobre elle exercia essa mulher, que o aconselhavam a essa obediencia passiva e completa: era tambem o seu egoismo.

O Fonseca sentia-se feliz assim.

Aquella nova vida agradava-lhe, sorria-lhe, dava-lhe gozos que nunca sonhara, cercava-o d'um bem estar doce que nunca suspeitára na sua modesta alcova da rua das Damas, cercava-o d'uma consideração respeitosa, d'uma importancia lisongeira, que o embriagavam como um vinho forte e generoso.

E comparando o dia de hontem com o dia de hoje, via-se obrigado a confessar que devia tudo a Antonia, que elle era um idiota, um simples burguez acanhado, insignificante, só bom para fazer contas e ganhar dinheiro; e que ella é que era a grande intelligencia dirigente, que sabia gastar esse dinheiro e gastal-o bem, com commodidade, com elegancia e com opulencia.

E perfeitamente conscio da sua pequenez ao lado d'essa mulher, deixava-lhe expontaneamente e alegremente o trabalho de pensar por elle, de dirigir totalmente a sua vida, os seus haveres e as suas accções.

E por isso, em casa não se fazia senão o que Antonia queria, Antonia é que mandava e dispunha de tudo, era a *governante* em toda a ampla accepção da palavra.

E Antonia accetára radiante esse papel para que se sentia perfeitamente talhada, que fóra sempre o seu sonho querido, e não se contentava apenas em gosar opulentamente as riquezas que a avareza do Fonseca tinha accumulado; tinha maiores ambições; comprehendia perfeitamente que, para manter a vida n'aquelle pé, era necessario equilibrar a receita com a despesa, e que a maior riqueza d'este mundo, não se augmentando por um lado ao mesmo tempo que por outro se gasta, vem fatalmente a acabar um dia.

E por isso, como uma habil administradora, lançou ausadamente o Fonseca em gandes especulações, em altas operações financeiras, de que elle nunca se julgara capaz e que amedrontavam o seu espirito pequeno e tacanho.

Entretanto, o feliz resultado das primeiras experiencias tentadas deram-lhe animo, encheram-n'o de confiança na sabia administração da sua directora, e dentro em pouco, graças sempre a Antonio, os haveres do Fonseca começaram a duplicar, a triplicar, o dinheiro a entrar-lhe aos contos de réis pela porta dentro, o credito a cobril-o com a sua aureola brilhante, a riqueza a dar-lhe uma real importancia nas altas espheras do paiz, n'essas altas espheras que elle d'antes contemplára sempre cá de baixo, apavorado, pequenino, como um verme da terra contemplando as estrellas.

As relações pessoas do Fonseca eram todas escolhidas por Antonia com um alto criterio.

Era ella quem lhe indicava as pessoas que devia visitar, que devia receber em sua casa, que devia obsequiar.

E a casa do Fonseca começou a encher-se de gente.

As primeiras pessoas admittidas n'essa casa foram jornalista pouco importantes, noticiaristas dos jornaes mais lidos, que



lisongeados com a importancia que o Fonseca lhes dava, com a amabilidade com que Antonina os tratava, fallando-lhes dos seus talentos, do futuro brilhante que os esperava, iam para as suas gazetas dizer maravilhas do Fonseca, do seu palacio, das suas riquezas, das altas qualidades do seu espirito.

E dentro em pouco o nome do Fonseca andava por todas as boccas; todos os dias cinco ou seis jornaes fallavam d'elle, sempre com grandes girandolas de adjectivos sonoros, e não havia já ninguém em Lisboa que não conhecesse de cór o nome do Fonseca, os menus dos seus jantares, a descripção da sua casa, e até os bons ditos que elle não dizia, mas que Antonina lhe attribuia em conversas perfeitamente intimas.

Depois chegou a vez dos grandes jornalistas, dos homens de letras, dos politicos.

Aos jantares succederam-se as *soirées* litterarias só para homens. Partidas ás quintas-feiras, ceias sumptuosas, lista dos convidados em todos os jornaes, convidados em que appareciam as notabilidades mais salientes da vida lisboeta.

Um dia o Fonseca deu um jantar ao ministro da Fazenda; d'ali a dias o corpo diplomatico e o ministerio todo tinham um banquete famoso no palacio da Lapa, banquete que foi fallado em toda a imprensa de Lisboa e da provincia, e até em alguns jornaes de Hespanha, e no *Figaro* de Paris.

D'ali a semanas o ministerio cahia. O novo governo dissolveu as camaras, as eleições foram renhidas e o Fonseca, com uma isenção assombrosa, gastou sete contos de réis para fazer vingar a candidatura d'um dos antigos ministros, que era combatida a todo o transe pelo novo governo. Foi uma lucta renhida, mas por fim o candidato do governo perdeu e o candidato do Fonseca triumphou!

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

JULIO DINIZ

Lembram-se todos d'elle.

Julio Diniz ou Joaquim Gomes Coelho—que um e outro nome accusam o mesmo homem de letras distinctissimo—soube, com o seu brilhante talento, deixar de si uma eterna lembrança, perpetuada nos admiraveis romances:—*A Morgadinha dos Canaviaes*, *Uma familia ingleza*, *Os fidalgos da Casa Mourisca*, e tantos outros monumentos litterarios, lidos ainda hoje com avidez pelo nosso povo.

O notavel romancista nasceu em 1839, e morreu em 1871!

Quasi se pode dizer que viveu tão somente para firmar a sua poderosa imaginação e para demonstrar as finas qualidades do seu espirito, evidenciadas nos mais formosos capitulos das suas obras admiraveis.

O que elle teria produzido até hoje, de grandioso e surpreendente, se a morte o não arrebatasse tão cedo, quando apenas contava 32 annos!...

### A INFANTA D. MARIA ANNA

Falleceu ha pouco mais de dois annos, em Drésde, esta gentilissima princeza, que tão gratas recordações deixára entre nós pelos alevantados dotes do seu coração e pelas raras prendas do seu honnissimo character.

E falleceu exactamente quando a existencia mais lhe sorria, quando a sua alma acabava de surgir das trevas da desesperação, da lucta com a morte que lhe queria roubar um ente querido—um filho.

Os seus cuidados, os seus desvelos, secundando proveitosamente o auxilio da medicina, tinham conseguido uma victoria; mas a morte, adivinhando-lhe talvez um intimo segredo do seu coração, substituiu a presa e arrebatou a mãe.

Depois de ter passado inumeros mezes a espiar uma esperanza, e quando, com os olhos amortecidos pelas noites perdidas juncto do leito do seu pequeno principe Alberto, via já brilhar para elle um futuro todo de luz e de vida, não a deixou a Providencia gosar d'essa immensa felicidade que só o amor de mãe sabe ter e sabe comprehender.

A loira e sympathica infanta D. Maria Anna tinha a maxima alegria sempre que lhe era apresentado um portuguez.

Na sua casa de campo, situada nos pittorescos arredores de Drésde, onde as montanhas, unicas pela forma, desenrolam á vista do viajante vastos e curiosos panoramas, não recebia a sr.<sup>a</sup> infanta pessoa alguma a não ser portugueza. Só Portugal dava pasaporte para aquella encantadora vivenda.

Conta-se até que, sendo-lhe apresentado um portuguez, ella conversara contentissima com elle, durante o dia, e, ás 11 horas da noite, lhe disse:

—Vamos arranjar uma coisa muito portugueza. O que ha de ser?

E depois de meditar alguns minutos, acrescentou:

—Já sei; chá verde e torradas.

E a propria infanta D. Maria Anna foi fazer as torradas.

Com sua irmã, a sr.<sup>a</sup> infanta D. Maria Antonia, correspondia-se Sua Alteza quasi todas as semanas em portuguez.

—E' para não esquecer—dizia.

O seu viver singelo e a sua alma simples e boa casavam-se perfeitamente com o character militar de seu esposo, o principe Frederico Jorge de Saxe.

A infanta D. Maria Anna dedicava-se unicamente a seu marido que ella amava e a seus filhos que estremecia.

A gentil princeza, irmã de el-rei o sr. D. Luiz, nascera a 21 de julho de 1843, e casara a 11 de maio de 1859 com o principe Frederico Augusto Jorge Luiz Guilherme Maximiliano Carlos Maria Nepomuceno Baptista Xavier Cyriaco Romano, duque de Saxe, general de infantaria de Saxe, commandante do 12.<sup>o</sup> corpo de exercito, e chefe do regimento de infantaria 106, do regimento de fusileiros 108, do regimento prussiano 16 e de lanceiros de Altemark, filho do rei João e irmão do actual rei de Saxe.

D'este consorcio deixou seis filhos, as pricezas Mathilde e Maria Josepha Luiza e os principes Frederico Augusto, João Jorge, Maximiliano Guilherme e Alberto.

### EM CASA DO ADVOGADO

Tem a attitudo severa de quem aconselha. Em elle pondo os oculos, vae responder de direito. Todo, então, é fóro. O grau do vidro favorece-lhe a optica dos processos. Dá um tregeito á cara ao avistar a causa da innocencia; investiga o homem em si proprio até; cheira a justiça das partes por nma venta só: que lá está,—diz elle a rir,—o juiz para a fungar pelas ventas ambas... O juiz, que não tem coração, e cujo ideal seria condemnar... ambas as partes: ao passo que elle, advoga pela rasão e pela justiça; não tem apenas a virtude de obrar conforme as leis, mas o gosto intimo de dar ao cliente o mais que possa, segundo a allegação de facto e direito; os juizes são excellentes homens, cavalheiros, mas castigam por justiça e por inclinação, em vez de, como elle, propenderem para a parte de piedoso...

Assim o diz. Por isso tambem, para alguns, esse respeitavel ancião causidico, é um santo a quem se invoca. Abre-se com certos clientes de estimação, mas só com esses. Conta-lhes então, que está n'aquelle officio por amor do direito dos factos, por ter a virtude de obrar conforme a lei...

Esse doutor da estampa tem uma grande testa e uma dignidade não menor; vê-se que saboreia com seriedade aquella profissão liberal de ser um conquistador tão singular, que em vez de fazer victimas, defende-as! O outro velho admira-o; e é, elle mesmo, para admirar: *magnus mirandusque cliens*; quereria entrar com o doutor em largas explicações; mas este, porque o seu officio seja fallar, está-se fazendo sobrio de conversinha...

### DOIS PAPUS KARONS (ANTHROPOPHAGOS)

Dois bellos exemplares d'essas raça damnada, cujo maior prazer consiste em ingerir carne humana.

Achille Raffray descreve, no relatorio da sua viagem á Nova Guiné, este bello par de antropophagos por elle analysado minuciosamente.

«Eram dois homens alentados—Jiz Raffray—com um metro e sessenta centimetros de altura, troncos grossos, membros carnudos, grandes cabeças, arcadas superciliarias pronunciadas, narizes curtos, labios grossos, cabellos lanosos divididos em numerosas tranças, ou n'uma especie de novellos que lhes cahiam em volta da cabeça. Cicatrizes partindo da espadua desciam-lhes até aos rins, e na barriga, simulando um cinto, tinham outras cicatrizes em zig-zag.

Uma corda apertada em volta dos rins, da qual pendiam alguns pedaços de casca de arvore curtida, era todo o seu vestuario. Por enfeites, braceletes e aneis. O mais alto, de phisionomia feroz, trazia enfiado, na cartilagem que separa as narinas, um grande anel feito de concha.

Nas orelhas, brincos de vidro azul, de fórmula triangular.

Tinham ambos nas mãos, arco e flechas, e uma lança, cuja haste esculpida terminava por uma ponta feita de osso de porco. O seu aspecto era medonho e repellente.



DOIS PAPUS KARONS (ANTHROPOPHAGOS)

De modo algum me pareceu que apetecessem as minhas pernas, e todavia eram verdadeiros anthropophagos. Um d'elles, o mais novo, affirmava ter já devorado quinze homens.»

Horror!

Basta fitar a gravura para a gente sentir calafrios!

#### O CONVENTO DE SOLOVETSK

Solovetsk é a ilha mais importante d'um grupo situado a alguma distancia das costas da Coralia. Tem tres ou quatro leguas no seu maior comprimento e duas ou tres na sua maxima largura.

Ha, em Solovetsk, edificios magnificos e antiquissimos, bellezas archeologicas de subido valor.

A nossa gravura representa o convento da formosa ilha, edificio de aspecto monumental e esplendido principalmente no seu interior. Muralhas, prisão, torres e egrejas tudo ali é construido com tijolos e pedra. Não ha um unico portico ou corredor que não esteja adornado com bellas pinturas.

Os frades d'este convento consagram ao trabalho as horas que lhes ficam livres das rezas. Nenhum d'elles passa uma vida ociosa. Não só os noviços, mas até os professores que teem por encargo abençoar os peregrinos, applicam a sua actividade á producção de objectos uteis, ornamentações para a egreja, moveis para o refeitório e para as cellas. Alguns fabricam pão, roupas, rosarios e productos de cutelaria, que são vendidos fóra do convento.

Em volta da cêrca, ha officinas onde se ouve todo o dia o ruido do trabalho: forjas, estaleiros, tecelagem, cordoaria, sapa-teiros, alfaiates, f. brico de queijos e de manteiga, fabrica de cerveja, etc. Todas as industrias ali estão reunidas.

Mestres nos seus officios, os frades de Solovetsk teem tanto gosto e genio inventivo, que não ha um unico objecto que elles não possam produzir, desde a conta de vidro até aos navios de grande lotação.

Muitos frades dedicam-se á agricultura, criando gados, tosquiando carneiros, engordando aves, batendo a manteiga e fabricando o queijo. Outros cultivam batatas, talham a relva caprichosamente, conservam fructas e olham com zelo pelos enxames das suas abelhas.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

NOVISSIMAS

Esta mulher d'Aveiro está em Lisboa—2—2.

Come-se e não é pobre esta ave—2—2.

Volta na musica este animal—2—1.

Leiria.

MARIO RACCIOTTI.

Esta serra dá vida a este quadrupede—1—1.

Esta planta aberta este homem—2—1.

Porto.

A. J. DA SILVA MELLO.

No principio da Biblia desposou Jacob esta mulher—1—1—2.

Na musica este verbo é planta—1—1.

No Carmo é mulher e planta—1—2.

Arneiroz.

J. L. PERPETUA.

EM VERSO

(Retribuição ao sr. A. Dias de Sousa Franco, de Santa Comba Dão, a quem o auctor offerece, caso a decifre no praso de 8 dias, um elegante volume de contos realistas)

Minha prima é sempre prima,  
D'um primo que Deus lhe deu;  
E, creia pois, senhor Franco,  
Qu'esse tal primo, sou eu.—1

Um jogo mui conhecido,  
Tem aqui n'esta segunda,

Pelo qual apanhei já  
Uma formidavel tunda!—1

Todos nós temos terceira,  
Mais ou menos carregada;  
Havendo quem goste muito  
D'esta assim... acobreáda!—1

E' cidade d'além-mar,  
Esta quarta, com certeza;  
E faz parte, podes crel-o,  
D'esta nação portugueza.—2

«Na *Historia Natural*  
Com certeza devo estar;  
Ou então, na zoologia  
Podeis o todo encontrar.»

Vizeu.

PEQUENO ANTONINHO.

### Logogriphos

(Por letras)

Dizem que este nome,—2, 4, 5, 6  
Não póde agradar,—5, 6, 2, 3, 4, 6  
Por ser, n'esta villa,—1, 3, 4, 2, 6  
*App'llido vulgar.*—1, 2, 3, 4, 2, 3

Torna a gente alegre,—1, 3, 7, 5, 6  
Mas, p'ra começar,—3, 7, 5, 2, 3, 4, 6  
Creiam que fatiga—3, 7, 5, 6, 1, 6  
*App'llido vulgar.*—1, 6, 2, 4, 6

Torno a repetir,  
P'ra bem terminar,  
Que 'inda o todo da  
*App'llido vulgar.*

MATHEUS JUNIOR.

(Ao eximio charadista, Xavier Rodrigues)

Ouvi-o fallar á antiga,—10, 9, 2, 4, 12, 2, 6, 7, 12  
Disse logo:—E' um bom guia!—10, 11, 9, 8, 6  
Deu-me elle certa medida—4, 3, 5, 8, 9  
P'ra mim de grande valia.

Logogriphistas! A's armas!  
A postos! callae bayonetas...  
E marchae a procural-o  
Na fileira dos poetas.

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

### Enigma-parodia

(Ao eximio charadista, A. de Sousa Franco)

Premio. a quem primeiro me enviar a decifração:—A PANÇA,  
por Augusto de Lacerda

No meu todo, oito letrinhas  
Conta bem, que has de encontrar;  
Mas que são apenas tres,  
A prova vou-t'a já dar.

As consoantes são duas,  
E vogaes só uma vereis;  
Mas á primeira do todo,  
Outra igual achareis.

A segunda mais a sexta  
São em tudo bem eguaes  
Sendo a oitava e a quarta  
Irmãsinhas. Concordeas?

A terceira mais a setima  
São eguaes! um primor!  
Eis aqui, oh charadistas,  
O enigma ao seu dispôr!

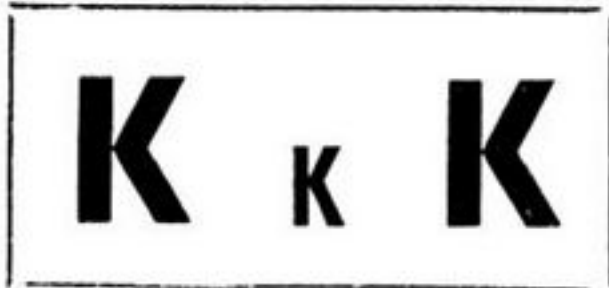
## CONCEITO

Na *Historia Natural*  
Com certeza devo estar;  
Ou então, na zoologia  
Podeis o todo encontrar.

Estremoz.

JOSÉ D. R. TAVARES.

## Enigma



Arneiroz.

J. L. PERPETUA.

## Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Amor—Palhaço—Amar—Aipo—  
Retranca—Camilla—Ribeira—Infanteria—Petala.

DA CHARADA EM VERSO:—Cachagens.

DA CHARADA EM QUADRO:—

I l h a  
l i o z  
h o r a  
a z a r

DO LOGOGRIPO:—Contemporaneo.

DA PERGUNTA INNOCENTE:—Quatro-olhos.

DO ENIGMA:

Não duvides, a prima é mulher—2  
A segunda é mulher igualmente.—2  
Sim, é mulher  
Tão formosa, tão bella, attrahentel

(Rosalina)

\*

A terceira das charadas novissimas deve ler-se assim:  
Lançando esta vogal no Ocean, verás um verbo—1—1.

## A RIR

Certo *bon vivant* comeu n'um restaurante, onde o serviram  
pessimamente e por elevado preço.

Satisfeito o importe da detestavel comida, o nosso homem  
chama o dono do estabelecimento e diz-lhe:

—Dé-me um abraço!

—E porquê?

—Porque é esta a ultima vez que nos vemos!

\*

Uma senhora surprehende o creado a limpar os dentes com  
a sua escovinha.

—João,—disse-lhe,—tu atreves-te a fazer isso?

—Ora, se me atrevo! Eu não tenho nojo de v. ex.!

\*

Entre pae e filho:

—Que tal foi o exame que fizeste?

—Magnifico, papá; e tão bom, que os lentes, enthusiasma-  
dos..., resolveram que o repita em outubro.

## UM CONSELHO POR SEMANA

## REMEDIO CONTRA A TOSSE CONVULSA DAS CRIANÇAS

Incenso . . . . .	200 grammas
Beijoim . . . . .	50 "
Flores d'alfazema . . . . .	40 "
Rosas vermelhas . . . . .	40 "

Lança-se tudo sobre brazas, e dão-se fomentações ás crean-  
ças, do abundante fumo produzido pela combustão d'estes ingre-  
dientes.

## TRAÇOS DA HISTORIA CONTEMPORANEA

## A fé dos tratados

## III

Os principes e os diplomatas reunidos no congresso de Vien-  
na capacitaram-se de que fariam uma obra indestructivel de-  
clarando «em nome da santissima e indivisivel trindade,» mas  
sem o consentimento dos povos, que a Belgica e a Hollanda jun-  
tas formariam, para sempre, o reino dos Paizes-Baixos.

Os territorios actuaes da Belgica e da Hollanda, estiveram  
no seculo XVI reunidos por direito de herança, sob o sceptro de  
Carlos V, mas n'essa epoca já os dois paizes possuíam fortes ins-  
tituições politicas. Ás dezeseite provincias dos Paizes-Baixos ti-  
nham cada uma a sua assembléa e, nos Estados Geraes (parla-  
mento commum), o soberano obrigava-se, no momento da sua  
accessão, por meio de juramento, a manter os seus direitos, cos-  
tumes e privilegios.

Foi igualmente n'essa epoca que se deu o phenomeno socio-  
logico da reforma, uma das principaes causas da separação. No  
meio das perseguições exercidas pelo logar tenente de Philippe  
II, o terrivel duque d'Alba, inventor do «Tribunal de sangue,» as  
provincias neerlandezas converteram-se, ao protestantismo, e as  
belgas conservaram-se catholicas. O congresso de Vienna não  
tomou em consideração esta differença de religião, nem mesmo  
as differenças de linguagem, costumes, necessidades e interesses  
que separavam e separam os dois povos, os quaes soffreram a  
sorte commum, sendo tomados como simples «sommas d'almas»  
que os representantes do direito divino dividiram entre si.

Desde 24 de dezembro de 1814 que um d'elles, o principe de  
Orange, se denominava «principe soberano das provincias unidas  
dos Paizes-Baixos, reclamando a sua parte do espolio.

Na sessão do congresso effectuada em 12 de fevereiro de  
1815, decididiu-se que o referido principe tomasse «o titulo de  
rei dos Paizes-Baixos». No dia 16 de março seguinte, o novo so-  
berano dizia o seguinte n'uma carta regia, ás povoações que não  
haviã sido consultadas:

«Como nós queremos que o proprio nome do nosso Estado  
offereça o seu primeiro penhor da união intima e fraternal que  
deve reinar entre todos os nossos subditos, entendemos dever de-  
clarar, como declaramos pela presente carta regia, que todos os  
paizes comprehendidos n'este Estado, formam desde esta data em  
diante o reino dos Paizes-Baixos, para serem assim possuidos por  
nós e pelos nossos legitimos successores, segundo o direito de  
primogenitura».

As antigas regalias apoiadas na conquista appareciamem to-  
do o seu esplendor. O protocollo decimo quinto da sessão de 23  
de março de 1815 confirmava, além d'isso, que o principe se ha-  
via decidido a proclamar a dignidade real estabelecida na sua  
casa «porque reunindo os povos da Hollanda e da Belgica sob  
um unico titulo, resultaria do facto mais unidade na administração  
e mais força e energia nos meios de defenza de que se occupavam  
na Belgica».

Esses meios consistiam n'um completo systema de praças fortes a estabelecer na fronteira meridional contra a França; e o novo reino dos Paizes Baixos era, no pensamento do congresso de Vienna, uma trincheira levantada contra a força expansiva da revolução franceza.

Foi o que fez a Europa do direito divino, em 1815, affirmando e applicando os principios do feudalismo à reconstituição dos Estados.

Vejam agora o acolhimento que esta obra de reacção encontrou entre os belgas, entre esse povo que já ha seculos se assignalava na lucta pela liberdade.

O rei Guilherme I mandou numerosos funcionarios hollandezes para a Belgica, poz obstaculos á liberdade de imprensa, e estabeleceu grande vigilancia no ensino. A liberdade de consciencia foi ameaçada, e as medidas restrictivas exasperaram o clero catholico.

De 1815 a 1829, o descontentamento augmentou consideravelmente, e o antagonismo das duas partes do reino manifestou-se especialmente na discussão e votação do orçamento decaual de 1829.

O principe de Orange, filho do rei, chegou ás proximidades de Bruxellas á frente das tropas hollandezas, penetrou sózinha cidade, e atravessando as ruas em que o povo começava a levantar trincheiras, dirigiu-se á casa da Camara. A guarda urbs na apresentou-lhe armas, pedindo-lhe em seguida a separação dos dois povos.

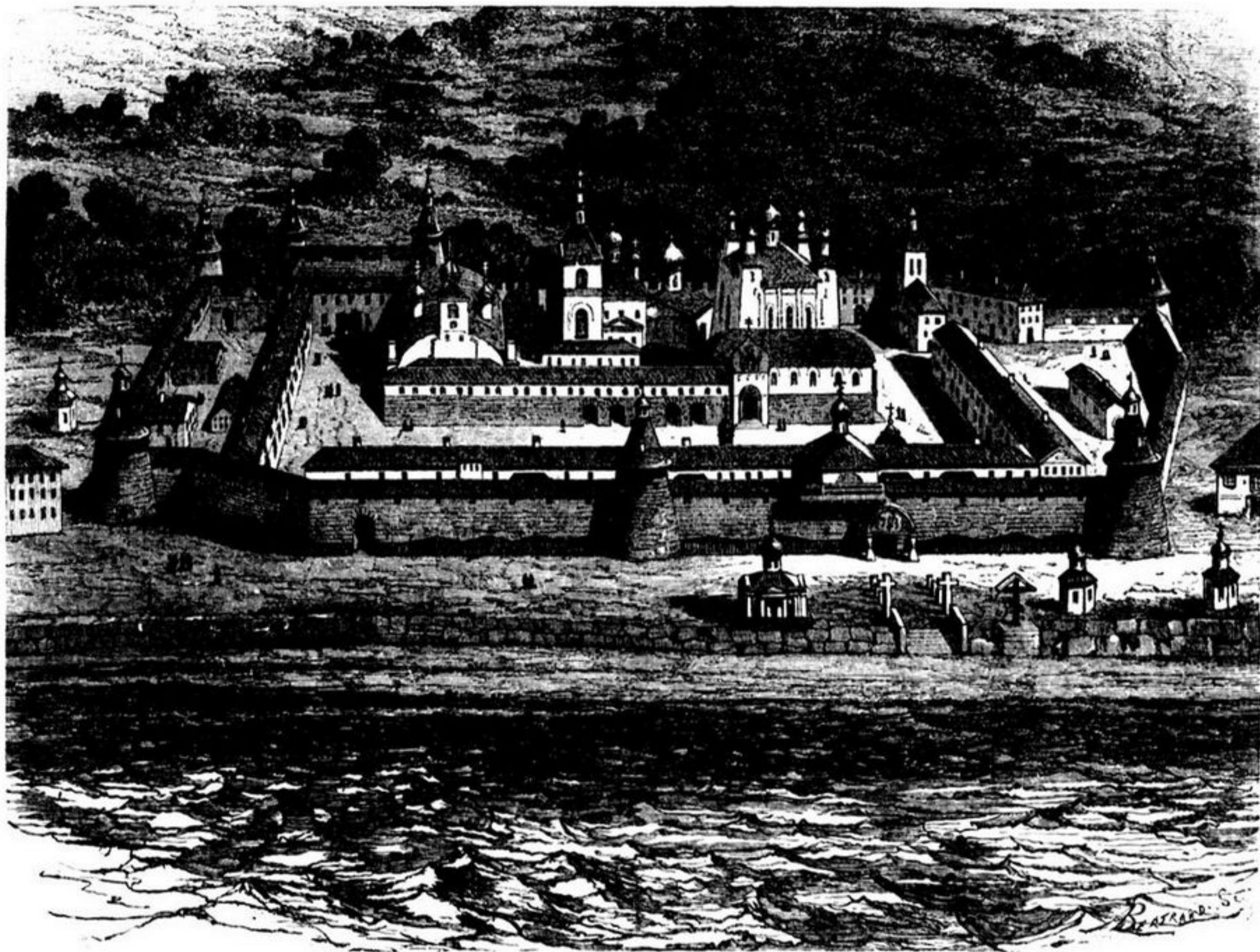
No dia 13 de setembro, dia da abertura dos Estados geraes, o rei fallou «de incendios e de pilhagem.» Os patriotas belgas responderam-lhe com o grito de «separação!»

De ahí para o futuro não houve compromissos possiveis. Travou-se uma lucta heroica em Bruxellas, que durou quatro dias, entre os soldados do rei e os cidadãos patriotas.

As tropas hollandezas, batidas em toda a parte, viram-se obrigadas a abandonar a cidade; e o povo belga tornou-se independente e livre.

A commissão de regencia converteu-se em governo provisório; tratou de elaborar uma constituição e pensou na maneira de fazer com que a Europa dynastica aceitasse o facto consummado.

O rei Guilherme, invocando a fé dos tratados, reclamava a



O CONVENTO DE SOLOVETSK

Nos primeiros mezes de 1830, o povo belga pediu a diminuição dos impostos, a execução da concordata com a Santa Sé, a liberdade de ensino e de imprensa, o restabelecimento do jury e o estabelecimento da responsabilidade ministerial; protestou contra o uso forçado da lingua hollandeza nos actos administrativos e exigiu a reparação das injustiças e dos prejuizos.

Um processo crime, instaurado contra um patriota e escriptor eminente, e a sua proscricção, acabaram de excitar e paiz. A França desafiara já a liga européa; a revolução de julho reventara em Paris e esta reivindicacção do direito popular ateou o fogo revolucionario na Belgica.

Depois de algumas demonstrações populares, foi enviada uma deputação ao rei Guilherme, a pedir-lhe justiça. O monarcha recebeu-a e convocou os Estados-Geraes para 13 de setembro, na Haya, tendo no entanto o cuidado de dizer que estava resolvido a restabelecer na Belgica «a auctoridade das leis».

Os belgas responderam-lhe que essas leis não haviam sido feitas por elles, e enquanto os soldados hollandezes marchavam sobre Bruxellas, aos gritos de «Viva Orange, abaixo os rebeldes!» mais de 8:000 cidadãos armados reuniam-se na praça onde estava situada a casa da Camara, tendo todos o laço tricolor nos chapéus e hasteando bandeiras e estandartes.

intervenção das potencias signatarias do acto final de 9 de junho, convidando-as «a deliberarem, de accordo com elle, ácerca dos meios a empregar para pôr termo á revolta que rebentara nos seus Estados.»

Os plenipotenciarios das potencias alliadas reuniram-se em Londres a 2 de novembro de 1830, e em virtude do apoio moral da França e da Inglaterra e sobretudo do concurso armado da primeira, a Belgica obteve o reconhecimento da sua independencia, pelo tratado de Londres de 16 de outubro de 1831, o qual estipulou que este paiz formaria—«um Estado independente e perpetuamente neutral», collocado sob a garantia das potencias.

Foi a primeira e decisiva victoria alcançada pelo direito nacional desattendido, e pelo espirito de liberdade e de progresso vilipendiado, contra os colligados da Santa Alliança.

O rei Guilherme ficou pensando que a fé dos tratados era apenas uma phrase óca. E teve razão.

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica